ANNO VIII — SEXTA-FEIRA, 2 DE OUTUBRO DE 1868 — N.º 794

O DISTRICTO DE AVEIRO

PREÇOS
ASSIGNATURA SEM ESTAMPILHA
Anno 3:200=Semestre 1:600=Trimestre 850 rs.
Cada numero avulso . . . . . 40 rs.

Publica-se regularmente ás terças e sextas-feiras de tarde.
Edição supplementar em dias indeterminados.
Subscreve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração—Rua da Fabrica—Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador estampilhada. — Os escriptos enviados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos. — As assignaturas são pagas adiantadas.

PREÇOS
ASSIGNATURA COM ESTAMPILHA
Anno 3:800=Semestre 1:900=Trimestre 1:000
Annuncios e correspondencias, por linha 20 rs

Politica interna

BOLETIM

O *Diario* tem vindo estes dias excessivamente pobre. O governo entretem-se provavelmente com as reformas do serviço publico, que a todo o momento se esperam com anciedade. N'este sentido vae estabelecendo algumas pequenas providencias de que vamos dar conta.

Uma portaria do sr. ministro da fazenda supprime as recebedorias dos bairros de Lisboa até que fiquem reduzidas a uma só por cada bairro; devendo verificar-se a reducção sómente quando vagarem os logares preenchidos.

Outra portaria do mesmo ministerio manda aos delegados do thesouro que dêem informações dos escrivães de fazenda afim de no provimento de logares desta ordem serem providos os escrivães de ordem inferior, quando tenham bons serviços.

Uma ordem do sr. ministro da guerra regularisando a requisição da força armada pelas auctoridades administrativas e judiciaes, afim de evitar divergencias que se têem dado entre estas auctoridades e os commandantes das forças. Marcam-se os casos em que a força deve ser prestada, aquem e a fórma por que o deve ser.

Todas as attenções estão voltadas para os acontecimentos do visinho reino, e a politica do paiz tem tido um momento de treguas. Defeito a gravidade d'esses acontecimentos torna-os dignos de serem considerados com attenção, e, se em outras nações se lhes liga a maior importancia, não é muito que o mesmo aconteça em Portugal, que pela sua visinhança e posição especial com relação áquelle paiz mais particularmente se deve interessar na questão que ali se agita.

Fóra de dúvida parece que Isabel II está desthronada, e proscripta a sua dynastia. As ultimas noticias dão seguro o triumpho da revolução. A abdicação da rainha é a consequencia forçada d'esse triumpho, e duvidamos que o impeto da revolução victoriosa pare ahi. Quaesquer difficuldades com que tenha de luctar para constituir a nova soberania, é pouco provavel que se contente com uma regencia na menoridade d'um filho da princeza desthronada.

Cremos que são outras as vistas do partido liberal hespanhol, mas qual ellas sejam ignoramol-o. Julgamos que não póde por ora aventar-se o resultado da grande lucta em que os nossos visinhos se acham empenhados, e que nem elles proprios se jactam de saber o termo que está assignado pela Providencia á revolução. No entretanto tudo leva a suppôr que a familia de Bourbon deixou de reinar, acabando de ser expulsa do ultimo throno que lhe restava na Europa.

E' natural que n'estas circumstancias, sejam muitas as conjecturas sobre os successos que tem de seguir-se. E' este o campo sempre aberto a todas as imaginações. Por elle a dentro, muitos julgam ainda possivel a conservação da dynastia na passoa da condessa de Girgenti, ou da duqueza de Montpensier. Mais provavel era que n'esse caso fosse chamada a reinar esta do que aquella, porém nenhuma suppomos que tenha plausibilidade de empunhar o sceptro hespanhol.

Mais conforme com as ideias que mais vogam ali seria o chamamento ao throno do duque de Montpensier, membro da familia de Orleans, desthronada em França na pessoa de Luiz Filippe. A isto se oppõe considerações de bastante peso, e á politica de Napoleão não seria por certo conveniente que n'um throno da peninsula fosse collocado um principe d'uma dynastia rival, e que conta em França ainda tão grande partido.

Mas poderá a França oppor-se efficazmente a que esse voto se realise no caso de realmente existir? Já aqui ponderamos as delicadas circumstancias em que se acha aquelle paiz, e a difficuldade d'uma intervenção activa nas cousas de Hespanha. E temos para nós que a opposição do imperio mais contribuiria para augmentar do que para moderar o impeto da revolução hespanhola.

Lembram-se alguns que possa ser chamado um filho de Victor Manuel, ou proclamada a republica. Não sabemos que fundamento rasoavel tenha a primeira d'aquellas lembranças. Na segunda não acreditamos. As illusões sobre os merecimentos das republicas passaram. As virtudes que tornaram grandes as republicas da Grecia e de Roma são hoje reconhecidas como fora de moda, e tem sido preciso todo o vigor proprio d'um povo novo, e d'indole particularissima para conservar, nos Estados Unidos, uma amosta, não muito para excitar gabos de invejosos, d'essa forma de governo.

Quando se trata das cousas do reino visinho não podemos esquecer-nos das do nosso. Devemos formar votos que os nossos visinhos regulem os seus negocios o melhor que possam, mas que não procurem incommodar-nos. Desejamos todas as suas fortunas, mas sem prejuizo da nossa autonomia. Presamos muito, e acima de tudo a nossa independencia. Queremos ser pequenos, e humildes; não nos move a ambição de sermos escutados nos conselhos das nações da Europa; e por isso vamos conservando as nossas instituições, nem as queremos impôr aos outros, e sem consentir que elles nol-as arrebatem para se constituirem a si.

Todos podem ser felizes, mas cada um no que é seu.

Deve hoje tomar posse o novo conselho de districto. Dizem-nos que alguns dos novos conselheiros se recusam a tomar posse. Comprehendemos o melindre d'aquelles que tendo servido ha annos como effectivos, d'esta vez soffreram desconsideração na ordem por que foram nomeados; sentimos que d'ahi resulte a sua abstenção, mas não podemos deixar de pedir lhes que, em attenção ao publico, que é o unico prejudicado, façam o sacrificio de aceitar, e de tomar posse.

A desconsideração fica com quem a praticou. A parte que pretence ao sr. secretario geral, essa nem deve ser tomada em conta, porque o sr. Godinho n'estes negocios não tem imputação; a que diz respeito ao sr. ministro do reino, recae sobre s. ex.ª que deixou inquinar a sua imparcialidade por suggestões facciosas.

Se o sr. bispo de Vizeu, de quem o paiz esperava uma administração vigorosa, começa a deixar amortecer a sua iniciativa occupando-se em attender a estas pequenas vendictas dos partidos vencidos, não pactuem com estes vicios d'administração aquelles que podem prestar á sua localidade serviços importantes, e de quem ella os espera confiadamente.

As inscripções baixaram com a noticia d'uma nova emissão. Isto prova que o mercado está falho de collocação vantajosa para esta especie de titulos, e que são poucos os compradores; prova porém mais do que tudo a gravidade da nossa situação, e a urgente necessidade de sair d'ella quanto antes por medidas rasgadas de economia.

Se estes dez mil contos nominaes fazem descer um por cento, o preço das inscripções, que acontecerá no anno seguinte em que para cobrir o deficit será preciso apresentar no mercado pelo menos o duplo d'aquella somma?

A imprevidencia dos governos tem deixado correr as cousas por fórma que cada vez mais nos convencemos que não é possivel sair d'esta situação a não ser por medidas extremamente violentas. A depreciação das nossas inscripções será um dos maiores males para todo o paiz, por que milhares de familias tem a sua subsistencia dependente d'estes titulos.

Não confiamos que essas medidas salvadoras provenham do actual governo. Vamos perdendo as illusões que a esse respeito tinhamos. Esperámos grandes reformas, e contentam-nos com a suppressão do conselho ultramarino. Fallaram-nos na simplicação e melhoramento dos serviços, na diminuição dos quadros, e melhor organisação d'elles, mas a este respeito ainda nada se fez.

E no entretanto vae-se depreciando successivamente a nossa situação economica, e o deficit engorda todos os dias! Por quanto tempo continuará isto assim?

Seguramente não póde ser por largo periodo. Toda a demora aggrava o mal, e a continuação indefinida d'este estado de cousas o tornaria perigosissimo. Não receiamos a banca-rota, porque o paiz tem ainda sobejos recursos para viver, posto que a maior parte d'elles desaproveitados; mas receiamos do extremo a que nos póde conduzir a indolencia dos governos, e da violencia das medidas que para sair do mau passo em que nos acharmos fôr então indispensavel adoptar.

ARMAMENTO E DEFENSÃO DO PAIZ

X

As vantagens dos campos entrincheirados são de si tão evidentes e de tal sorte as tem apregoado a historia da guerra, que havemos por ociosidade estar aqui a encarecel-as.

Os *castrums* romanos, que não eram senão uns campos entrincheirados, sujeito a regras perfixas assim tacticas como estrategicas, concorreram poderosamente para as victorias d'aquelles conquistadores.

Mas nas épocas modernas é que mais hão resurtido as excellencias dos campos entrincheirados.

Quem ler a vida do grande capitão lord Malborough e analysar detidamente os meios estrategicos que empregou contra os exercitos de Luiz XIV, verá que o segredo de todas as victorias dos inglezes e dos seus alliados se resumem quasi na boa applicação da fortificação aos campos de batalha, e na reciproca protecção das obras isoladas e do exercito que por entre ellas manobrava.

O que mais deve importar é que essas obras não possam ser torneadas, e que não estejam dispostas de modo tal, que sendo separadas do troço principal, concorram para a derrota pelo fraccionamento das forças.

Assim succedeu por exemplo na batalha de Blenheim, em que o duque de Malborough, deixando o flanco esquerdo do inimigo, que estava fortalecido em uma aldeia entrincheirada, guarnecida por 24 batalhões e 12 esquadrões, dirigiu o ataque contra o centro, que não podendo receber soccorro d'aquellas forças encurraladas, foi desbaratado completamente.

As forças do flanco esquerdo foram testemunhas apenas do combate, findo o qual, tiveram de render-se.

Se Napoleão tivesse feito a mesma cousa em Ligny, os prussianos seriam derrotados e Waterloo ter-a sido impossivel.

Tal é o perigo da má applicação das fortificações ao terreno, e por isso recommendamos, que antes de começal-as, é mister estudar com attenção os presumidos campos de batalha, e bem assim as forças de que, dada a conjunctura, será possivel dispôr. Em geral umas grandes frentes continuas não convem, porque em nenhum ponto d'ellas a resistencia é sufficiente, e quando rotas ou torneadas, o desastre será fatal.

No campo de batalha, que lembramos na margem esquerda do Mondego, proximo de Coimbra, incumbe aos engenheiros estudal-o com toda a attenção, porque póde acontecer que a forte guarnição de Coimbra, devidamente entrincheirada e defendida, soffra o desbarate de Blenheim.

Se o exercito portuguez não houver

Folhetim

MARIO

(Conclusão do n.º 793.)

Os ministros e chefes do estado maior quasi que desmaiaram, quando o valente general de cavallaria lhes lembrou a necessidade de fallarem a D. Miguel em um convenio.

Negaram-se todos redondamente a fallar a D. Miguel, e um dos ministros disse: «não se póde fallar a el-rei em convenção, porque S. M. tem dito muitas vezes, que faria saltar os miolos com duas balas a quem quer que lhe fallasse n'ella.»

Guedes estranhou e reprehendeu a cobardia dos ministros em phrases sentidas, e disse: «pois bem; como nenhum de vv. ex.as é digno do logar que occupa, pois que todos são covardes e medrosos, irei eu, tomando o seu logar, fallar a S. M. e dizer-lhe o lastimoso estado do exercito, e aconselhal-o no ultimo dever para com elle, que é salvar os seus venerandos restos. E notem vv. ex.as, que tenho a certeza que el-rei me receberá e ouvirá com benignidade, não se lembrando de empregar balas nas cabeças dos seus mais fieis servidores. Se houvera risco, eu acostumado a elles, desde os meus primeiros annos, ainda de melhor vontade correria a desempenhar a missão, que vv. ex.as rejeitam e é de sagrado dever que se satisfaça.»

Os paspalhões dos ministros e o chefe do estado maior general mal resmungaram, com medo, agora, de Guedes; este saiu immediatamente para os aposentos de D. Miguel, fallou-lhe com a franceza de soldado valente, e portuguez ás direitas, o infeliz rei recebeu o seu general muito bem, ouviu-o com muita attenção, e respondeu-lhe: «pois bem; se é necessario uma convenção para salvar-se o resto do exercito, trate-se d'ella.»

Guedes foi ao quartel general liberal propôr a paz. Foi acceita, e, *quando já não havia perigo*, foi nomeado para convencionar com os marchaes o general José Antonio da Fonseca e Lemos, que commandava então, em chefe, o exercito miguelista.

Vae já longa esta carta, e bem quizera eu não fatigar-vos mais; mas, permitti que, em materia de tanta importancia, ao menos historica, eu vos diga o modo como o general miguelista se houve na defeza dos direitos do exercito que commandava.

O que vou dizer-vos é como official, porque o ouvi da bocca do general Guedes, e me foi depois confirmado pelo duque de Saldanha, que é, como sabeis, uma illustração, que honra a nossa terra.

Lemos, chegado ao quartel general imperial, não propoz cousa alguma: acceitou o que lhe apresentaram, e assignou sem a menor reflexão.

Assignada a convenção, viu-se que não tinha sido comprehendido n'ella D. Carlos e os seus partidarios. Advertiu-se d'isto Lemos, e pediu-se a reforma da convenção, fazendo-se entrar n'ella os espanhoes, para, disse o general Saldanha, «*os não vêrmos ahi ámanhã fuzilados por Rodil.*»

Lemos tomou então folgo, e tornou-se energico.

Tendo assignado uma convenção, que tornava párias na sua propria terra os bravos, que tinham arriscado tudo para guardarem, intactos, os seus juramentos, e salvarem a honra militar, parecia alegre com a ideia de ver fuzilar os hespanhoes, porque, dizia o caudilho miguelista «tinham feito muito mal á causa realista.»

Os marechaes é que, honra lhes seja, não estiveram pelos autos. Mandaram ao quartel general de D. Carlos pedir auctorisação e instrucções para contractar, e livramo-nos assim de uma grande vergonha, e talvez de grandes barbaridades.

Quando verifiquei com o duque de Saldanha o que meu intimo amigo general Guedes me tinha contado sobre os promenores da convenção de Evora-Monte, fiz-lhe a seguinte pergunta:

«Lemos nada propoz, como eu já sabia, e v. ex.ª acaba de confirmar-me, de vantagem para o exercito realista; e se propozesse?

«Se propozesse, me respondeu promptamente o marechal, não podiamos deixar de lhe fazer concessões.

«Fazem-se ellas, continuou, como v. sabe, em praças rigorosamente bombardeadas, e a cair pela fome, e pelas balas, quanto mais a um exercito, qual o realista, em campo aberto, e que, apesar de muito dizimado, contava ainda muita cavallaria.

«Não podiamos deixar de conceder vantagens, apesar de quaesquer instrucções; como nada nos pediram, offerecemos, garantindo-se as vidas, o menos que podiamos dar. Nós advogámos os nossos interesses, e não os do exercito miguelista, e creia v., que fizemos muito na situação, em que nos collocaram.»

O general duque de Saldanha disse-me ainda, que estranhára muito a completa indifferença de Lemos pelos seus, e a má vontade contra os hespanhoes, em uma occasião arriscadissima...

Fizestes inteira justiça á honradez de D. Miguel e seu governo. Foram estupidos, e desastrosos, *mas não foram ladrões.*

A entrega fiel de todas as joias honra D. Miguel. Não lhe pagaram, depois, este acto de abnegação e honradez, *retendo o que era propriedade particular do infeliz principe!*

Não vos esqueceu a negra ingratidão de S. Carlos, que concorreria, provavelmente, para a prematura morte de D. Pedro. O povo é muitas vezes ingrato para com os seus melhores amigos, para com aquelles a quem mais deve!

D. Miguel foi tão popular, e querido, *que chegou a ser*, como vós dizeis no vosso romance, *adorado nos altares* (adorar-se-hão ainda outros peiores santos!)

Era passado pouco tempo, e custára a salvar das iras da canalha, em Sines, o seu *deus* da vespera!

D. Pedro, em remissão dos seus erros, e, diga-se toda a verdade, dos seus grandes crimes, salvára Portugal da anarchia, restituira patria a muitos mil portuguezes expatriados, prezos e homisiados, e a liberdade á patria. Em paga, foi apupado, e atiraram-lhe, no logar mais publico da capital, com patacos á cara!

Sabeis o que a canalha fizera em Portugal ao grande Sebastião José de Carvalho, quando o vira decahido dos favores da côrte; os motejos (as altas injurias), que soffreu Silva Carvalho, que como tambem dizeis na vossa obra, e ainda ha pouco eu tinha escripto, foi quem salvou os sitiados do Porto, fazendo apparecer meios; os apupos, em Coimbra, a Fonseca Magalhães, honra do partido liberal portuguez; os ataques em Lisboa ao duque de Palmella, primeiro sustentaculo das liberdades portuguezas, e uma das nossas primeiras illustrações; a barbara morte de Agostinho José Freire, um dos ministros mais intelligentes do imperador.

O povo é quasi sempre instrumento. Deus nos defenda d'elle, quando guiado por almas perversas...

E' tempo de acabar. Deveis estar enfadado, e muito, de tão estirada escripta. Desculpai a pelo elevado merito da vossa obra!

Torno a dizer, que, como historiador politico, vos mostrastes sempre tão amigo da verdade, como dedicado pela liberdade; e bom serviço fazem aquelles que, em uma época de descrença e abatimento moral, qual a nossa, apontam, ao menos á mocidade esperançosa, para os sacrificios que custou a liberdade.

Somos livres; mas quanto nos custou, e a nossos paes, e a vós, a liberdade?

Somos livres; mas por quantos milhares, milhões de cadaveres foi mister passar, uns queimados, outros enforcados, outros fuzilados, outros torturados, outros degolados para chegarmos á liberdade?

Por quantos seculos não luctou a humanidade para se forrar á escravidão que a aviltava e perdia?

Somos livres; mas não nos deixemos adormecer embriagados pelo nectar da liberdade.

Somos livres; mas sejamos activos. Cultivemos sempre e sempre as ideias; trabalhemos pelo aperfeiçoamento progressivo da sociedade; estreitemos cada vez mais os laços da familia, porque é n'elles, que está a felicidade; reformemos as leis, conforme as necessidades da occasião, mas respeitemos as que existirem, e emquanto existirem; não desprestigiemos a auctoridade digna; proclamemos constantemente a liberdade religiosa, sem a qual não póde, quanto a mim, haver liberdade politica; e, em fim, marchemos e trabalhemos sempre para a maxima perfeição.

E', quanto aos dois infelizes principes, D. Pedro e D. Miguel, que figuraram nas nossas luctas civis de 28 a 34 é certo que, se ambos peccaram muito, ambos souberam remir as suas grandes culpas.

D. Pedro, tendo trahido a patria, veio depois salval-a e dar-lhe a liberdade.

D. Miguel, tendo feito um desgraçadissimo e criminoso reinado, condemnado pela nação que o elevára, expiou no exilio os seus erros, e os seus crimes de mau rei.

D. Pedro morreu como um heroe. D. Miguel soube ser grande na desgraça. Deu n'ella exemplos de abnegação, que honrarão a sua memoria, a sua familia e a suapatria.

Ficou provadissimo, que os filhos de D. João VI seriam dois monarchas modêlos (no bom sentido), se houvessem tido uma educação conveniente e bons conselhos.

Tinham excellente fundo d'alma, e nem lhes faltava talento. Não tiveram educação, e faltou-lhes (principalmente a D. Miguel) quem os dirigisse.

Mais outro abraço e muitos parabens pela parte historica do vosso excellente romance. Vosso dedicado e obrigado amigo e collega

ALBANO COUTINHO.

attingido um numero assás numeroso para poder guarnecer o campo entrincheirado de Tancos, as linhas do Porto, de Lisboa, e destacar forças sufficientes para Coimbra, afim de dar batalha; n'esse caso affigura-se-nos que melhor será fortificar Coimbra e defendel-a com um posto avançado e dominante, com duas cabeças de ponte, que tolhám a passagem do Mondego, e lhe varram o leito com metralha e tiro de bala.

Ainda assim póde este ponto avançado prestar valiosos serviços, á similhança do que em 1704 succedeu no combate de Donawerth, em que um pequeno posto entrincheirado custou a lord Marlborough inauditos esforços e grandissima carnificina.

E' evidente que Coimbra póde ser tomada após demorada resistencia, mas o inimigo já irá enfraquecido e terá dado tempo á concentração de todas as forças do sul sobre a linha do Sado e a margem direita do Tejo, a qual desde Tancos até Lisboa estará coalhada de tropas.

Ainda n'esta hypothese persistem todas as considerações que rastreámos no anterior capitulo, isto é, o inimigo tem de deixar no Bussaco um corpo de observação, para que a sua rectaguarda não lhe seja cortada pelo exercito do norte.

E' evidente agora o quanto concorre para a boa defensa o campo entrincheirado de Tancos, que póde assignalar-se como o de Malplaquet contra Marlboough, o de Pultawa contra Carlos XII da Suecia, ou o de Kalafat levantado por Omer Pachá contra os russos.

No «memorandum» endereçado por por lord Wellington ao tenente coronel de engenheiros Flechter, encarregado de construir as linhas de Torres Vedras, mostra aquelle grande cabo de guerra que havia comprehendido perfeitamente as condições defensivas de Portugal.

Depois da batalha do Bussaco chegou lord Wellington ás linhas com 44:000 homens portuguezes e inglezes em proporções eguaes, e 3:000 cavallos.

Com tão diminuta força, rasão tinha o general inglez em arreceiar-se de ser torneado, e por isso concentrou-se sem perda de tempo.

Attendendo aos seus exiguos e minguados recursos, comquanto o povo mostrasse a melhor vontade e ardimento, lord Wellington forcejava sempre por não se afastar de Lisboa, porquanto o inimigo, entrando por Castello Branco, apossando-se de Abrantes, seguindo a margem esquerda do Tejo, podia collocar-se entre Lisboa inerme e o exercito, ao qual impedia cobril-a.

Como durante o estio o Tejo é vadeavel até á Castanheira, o exercito alliado correria gravissimos perigos, se o inimigo lograsse o seu intento.

Mas se Lisboa estivesse resguardada e coberta com fortes linhas bem guarnecidas e artilhadas, e se em Tancos houvesse o campo entrincheirado com 20:000 homens, os receios de lord Wellington seriam infundados, porque se o inimigo intentasse a passagem, metter-se-hia entre dois fogos e soffreria irremissivel derrota.

Lord Wellington tinha rasão, comquanto devesse attender ás difficuldades da marcha de Castello Branco até Abrantes, hoje muito diminuidos desde que foi concluida a nova estrada.

Dispondo só de um exercito, não haveria general tão lerdo e soez, que abandonasse Lisboa e se deixasse tomar e cortar a rectaguarda.

Por isso, repetimos, se as circumstancias que se deram em 1810 houveram de repetir-se, e se não podermos ter em armas mais do que 50 ou 60:000 homens, devemos seguir os exemplos de lord Wellington, e limitar-nos a cingir a capital, fortificando Abrantes para defender a linha do Tejo, construindo uma cabeça de ponte e aproveitando as linhas de Torres Vedras ou Sacavem e as da margem esquerda do Tejo até Setubal, sem que todavia desprezemos as indicações que nos anteriores capitulos ficaram consignadas, com a maxima clareza e individuação.

Comtudo proseguiremos n'este nosso trabalho, na hypothese de que podemos assoldadar 180 a 200:000 homens.

Assim, suppondo que o inimigo conseguiu apossar-se do Tejo, qualquer que fosse aliaz a fronteira, que houvesse escolhido, deparava-se-lhe um terrivel obstaculo no campo entrincheirado de Tancos, que tinha de vencer a muito custo e derramando copioso sangue, que de tal arte havia de enfraquecel-o, que difficilmente continuaria para a frente.

Dado que alcançasse avançar, encontrava tomadas e defendidas as posições da serra de Monte-junto, que lhe embargavam o passo e mal lhe permittiam desenvolver-se.

Esta serra, occupada pela vanguarda do exercito defensor, que tinha ido em soccorro do campo intrincheirado de Tancos e ferra o inimigo pela retaguarda, e que depois de retirar, fizer frente á retaguarda; esta serra, dizemos, é um baluarte inexpugnavel, um cobre-face gigante da cidadella de Lisboa, uma barreira que só á custa de inauditos exforços poderá o invasor transmontar.

Bem conheceu lord Wellington a grandissima utilidade da serra de Montejunto, e essa a razão porque avançou as linhas até Torres Vedras, apezar da pequenez do seu exercito, e da fraqueza do seu flanco esquerdo, por quanto aproveitava assim a serra do Barregudo e as charnecas da Bugalheira. Sim, esse o motivo da escolha de Torres-Vedras, que muitos auctores increpam, sem se darem ao trabalho de estudar o terreno.

Lord Wellington, porém, não pôde tirar todo o partido da serra de Montejunto, que nós, os homens de hoje, esclarecidos e guiados pela historia, devemos aproveitar, seguindo os passos de tão afamado general.

Fazendo, pois, de Peniche uma praça de guerra, occupando a serra de Monte-junto, fortalecendo Santarem, e empregando, no caso de necessidade, chalupas canhoneiras no Tejo, temos outra defesa da peninsula de Lisboa, da qual retirará o exercito para a outra defesa mais proxima, que consiste nas linhas de Torres-Vedras, e de Sacavem.

O ponto capital é o aproveitamento racional e esclarecido da serra de Montejunto, posição magnifica, que só lord Wellington soube avaliar devidamente.

Quando o inimigo chegar a vencer todos estes obstaculos, estará já tão extenuado, enfraquecido e alanceado, que de maravilha investirá com as linhas que o defrontam.

Curará então de aguardar reforços pela linha de communicações, que deixou guarnecida.

E' então que as guerrilhas hão de atacar e queimar todos os comboios, ao passo que do lado do mar nenhum reforço poderá soccorrel-o, por isso que Peniche ainda resiste, e as augras, que se rasgam na costa até ao Cabo da Rocca, não franqueiam ingresso aos navios.

Falho de todos os recursos, apertado n'uma estreita cinta, entre a serra escalvada de Monte-junto e as linhas ouriçadas de canhões, a posição do invasor será deploravel.

Ao mesmo tempo, todos os dias nos chegam do sul novos reforços e levas, e victualhas e mantenças.

O povo de Lisboa prepara-se para a defeza proxima; constroem-se reductos e baterias; fazem-se cortaduras e barricadas; a faina patriotica é continuamente alentada pela confiança no exercito e pelos brios inquebrantaveis.

No norte mobilisam-se as ultimas reservas; os milicianos guarnecem as cidades e portos, ao passo que os soldados minhotos e transmontanos, unindo-se aos beirões, ameaçam o inimigo pela retaguarda e pelo flanco, tiram-lhe todos os recursos, atacam-lhe os reforços e os comboios, e concorrem para o livramento da patria.

Em taes circumstancias, só resta ao inimigo atacar as linhas, abrir caminho, com a energia do desespero, por entre as montanhas prenhes de obstaculos, porque render-se seria a deshonra, e no retirar encontraria a morte.

(*Jornal do Commercio*)

Actos Officiaes

Ministerio dos negocios da marinha e ultramar

1.ª DIRECÇÃO

1.ª *Repartição*

Sendo necessario regular os quadros dos officiaes combatentes e não combatentes da armada, de modo que o pessoal possa satisfazer a todas as exigencias do serviço, e não sendo exequivel sem que seja de um modo empirico e arbitrario, o determinar o numero dos officiaes que devem incluir-se em cada grau da hierarchia nas diversas corporações, sem que previamente se fixe, quanto ao numero e á qualidade dos navios, a força naval que o estado deve manter para acudir ás necessidades das suas provincias ultramarinas, á protecção do seu commercio exterior, á defeza dos seus portos e ás commissões que durante a paz incumbem habitualmente á marinha de guerra, tendo sempre em attenção os meios que para estes serviços se podem destinar, segundo as presentes circumstancias do thesouro: manda S. M. El-Rei que uma commissão composta de vice-almirante graduado major general da armada visconde de Soares Franco, que servirá de presidente; do capitão tenente Carlos Testa, que fará as funcções de relator; e do primeiro tenente Luiz Caetano de Novaes, dê com a maior urgencia o seu parecer sobre os seguintes pontos:

1.º Qual é o numero e a qualidade dos navios que devem constituir a armada nacional em circumstancias normaes, sem desattender comtudo ás prevenções defensivas que em tempo de paz cumpre não esquecer, quando em qualquer nação se trata de constituir e organisar a força publica;

2.º Qual deve ser, relativamente á força naval fixada, o quadro dos officiaes combatentes, e os postos em que é conveniente dividir a hierarchia militar em harmonia com os principios adoptados pelas principaes nações maritimas;

3.º Quaes são, quanto ao serviço, as situações que convem estabelecer nas corporações dos officiaes da armada, de modo que se faça completa distincção entre as commissões de embarque e as que são desempenhadas em serviços scientificos e administrativos da marinha ou em destinos alheios á profissão naval;

4.º Qual deve ser o quadro dos officiaes de marinha, empregados como engenheiros hydrographos;

5.º Quaes devem ser os quadros das differentes cathegorias de officiaes não combatentes, incluindo n'esta designação os engenheiros navaes, os capellães, os facultativos da armada e os officiaes de fazenda e a correspondencia dos seus postos com os dos officiaes combatentes; e quaes, em relação ao serviço, as differentes situações d'aquelles officiaes;

6.º Qual é a organisação que deverá ter o corpo de machinistas navaes, e quaes os graus da sua hierarchia, que convirá equiparar aos postos dos officiaes combatentes;

7.º Quaes devem ser para cada uma das corporações, e para cada posto ou grau de hierarchia os vencimentos de cada official, segundo as suas diversas situações no serviço ou fóra d'elle, e as varias commissões em que podem ser empregados.

O que, pela secretaria d'estado dos negocios da marinha e ultramar, se communica ao referido vice-almirante graduado, para seu conhecimento e devidos effeitos.

Paço, em 21 de setembro de 1868. = *José Maria Latino Coelho.*

(«Diario» de 22 de setembro.)

DOM LUIZ, etc.

Artigo 1.º O contingente para a armada, no anno economico de 1868-1869, é fixado em 692 recrutas.

Art. 2.º O governo fará a distribuição do contingente pelos departamentos e districtos maritimos, na proporção do numero dos maritimos recenseados em cada um dos mesmos departamentos e districtos.

Art. 3.º Fica revogada toda a legislação em contrario.

Mandâmos portanto, etc.

Dada no paço de Belem, aos 12 de setembro de 1868. = EL-REI, com rubrica e guarda. = *José Maria Latino Coelho.* — Logar do sêllo grande das armas reaes.

Carta de lei, etc.

(«Diario» de 26 de setembro.)

DOM LUIZ, etc.

Artigo 1.º A força de mar para o anno economico de 1868-1869 será fixada em 3:290 praças, distribuidas por 1 fragata, que servirá de escola de artilheria; 7 corvetas; 1 brigue; 6 escunas, sendo 5 a vapor; 2 hiates; 1 cuter; 1 cahique; 3 vapores; e 1 transporte.

Art. 2.º O numero e qualidade dos navios armados podem variar segundo o exigir a conveniencia do serviço, comtanto que a despeza total não exceda a que for votada para a força que se auctorisa.

Art. 3.º Fica revogada a legislação em contrario.

Mandâmos portanto, etc.

Dada no paço de Belem, aos 12 de setembro de 1868. = EL-REI, com rubrica e guarda. = *José Maria Latino Coelho.* — Logar do sêllo grande das armas reaes.

Carta de lei, etc.

Tendo em consideração a proposta feita pelo conselho da escola naval, em officio de 1 de agosto proximo passado, e conformando-me com o parecer do conselheiro procurador geral da corôa: hei por bem, em virtude do que dispõe o § unico do artigo 20.º do decreto com força de lei de 7 de julho de 1864, promover o lente substituto da 2.ª cadeira da escola, Francisco da Ponte e Horta, ao logar que se acha vago de lente proprietario da mesma cadeira.

O ministro e secretario d'estado dos negocios da marinha e ultramar, assim o tenha entendido e faça executar. Paço, em 15 de setembro de 1868. = REI. = *José Maria Latino Coelho.*

(Idem.)

Ministerio das obras publicas, commercio e industria

REPARTIÇÃO CENTRAL

Tendo sido, pela carta de lei de 16 de maio de 1867, prorogado até 1 de janeiro de 1870, o praso para a completa adopção do novo systema legal de pesos e medidas;

Competindo ao poder executivo, em virtude do artigo 4.º do decreto com força de lei de 13 de dezembro de 1852, fixar successivamente as epochas em que deverá ser obrigatorio o uso das novas medidas;

Sendo o numero de novas medidas de capacidade apresentadas até hoje, para o afilamento primitivo determinado pelo § unico do artigo 14.º do decreto de 29 de dezembro de 1860, muito inferior ao necessario para o fornecimento dos estabelecimentos de commercio do reino e ilhas;

Considerando que, pelo decreto de 22 de agosto de 1867, foi ordenado para 1 de outubro proximo o uso obrigatorio das novas medidas de volume e de capacidade, e que seria vexatoria para os povos a immediata applicação das multas respectivas, quando continuassem a fazer uso das medidas abolidas por falta de outras:

Hei por bem decretar que o praso estabelecido pelo artigo 1.º do decreto de 22 de agosto de 1867, que determina para 1 de outubro proximo o uso obrigatorio das novas medidas de volume e de capacidade, seja prorogado para todos os concelhos do reino, excepto os de Lisboa e Porto, até 1 de maio de 1869, devendo as officinas dos outros concelhos ser fornecidas dos padrões e de todo o material necessario para o afilamento até 1 de março do mesmo anno.

O presidente do conselho de ministros, e os ministros e secretarios d'estado de todas as repartições, o tenham assim entendido e façam executar. Paço, em 17 de setembro de 1868. = REI. = *Marquez de Sá da Bandeira* = *Antonio, Bispo de Vizeu* = *Antonio Pequito Seixas de Andrade* = *Carlos Bento da Silva* = *José Maria Latino Coelho* = *Sebastião Lopes de Calheiros e Menezes.*

(«Diario» de 24 de setembro.)

Tendo sido determinado, para 1 de outubro proximo, o uso obrigatorio das novas medidas de capacidade, nas cidades de Lisboa e Porto, e não sendo justo que paguem no mesmo anno dois afilamentos os commerciantes e mais pessoas que, obedecendo ao preceito da lei, tiverem apresentado as antigas medidas para o afilamento annual; considerado que a dispensa temporaria do ultimo preceito do § unico do artigo 14.º do decreto de 29 de dezembro de 1860, em relação ás medidas decimaes de capacidade, não poderá causar prejuizo nas transacções ordinarias do commercio, quando tenham sido punçadas as medidas novas com o punção official do afilamento primitivo: hei por bem determinar que nas cidades de Lisboa e Porto a marca do punção official do afilamento primitivo gratuito seja considerada, até 1 de outubro de 1869, como marca do primeiro afilamento ordinario, sempre que o possuidor das novas medidas, apresentando o bilhete de aferição das correspondentes medidas antigas, provar que pagou o afilamento respectivo.

O ministro e secretario d'estado dos negocios das obras publicas, commercio e industria o tenha assim entendido e faça executar. Paço, em 17 de setembro de 1868. = REI = *Sebastião Lopes de Calheiros e Menezes.*

(Idem)

Agricultura

Chronica Agricola

Lisboa, 29 de setembro

(Continuação do numero 793.)

— Continuaram n'este anno as experiencias no Instituto Geral da Agricultura ácerca das doutrinas coprologicas do sr. *George Ville*.

Com os escassos meios votados ao laboratorio chimico d'aquella, dos quaes tem de sair as despezas de demonstração das aulas de chimica e de artes agricolas e as dos exercicios em analyse dos estudos, conseguiu ainda assim o nosso collega e amigo *Lapa* emprehender duas series de experiencias propostas essencialmente a decidir se os adubos puramente mineraes podem absolutamente substituir os estrumes ordinarios, questão que o sr. *Ville* assevera ter resolvido affirmativamente, e que não obstante, está sendo objecto de grande controversia entre os chimicos-agronomos.

Na primeira serie de experiencias a planta cultivada foi o feijão branco.

Foram sete as experiencias, cada uma realisada em vaso de porcellana cheio de areia pura, differentemente adubada.

No primeiro vaso, areia pura, sem adubo algum. — A planta cresceu á altura de um decimetro, muito franzina e seccou.

No segundo vaso, areia pura adubada com humus. — A planta cresceu á altura de tres decimetros, franzina e seccou.

No terceiro vaso, areia adubada com materia azotada mineral. — A planta elevou-se um pouco menos que a precedente, e teve o mesmo resultado.

No quarto vaso, areia adubada com todos os mineraes uteis á vegetação. — A planta cresceu vigorosa até cinco decimetros. Não chegou porém a florecer, seccando antes disso.

No quinto vaso, areia adubada com os mineraes uteis, e materia azotada mineral. — A planta deitou até 5,5 decimetros mas não floreceu tambem.

No sexto vaso, areia adubada como a do vaso precedente, e mais o humus. — Planta completa chegou a 7 decimetros floreceu mas seccou antes de granar.

No setimo vaso, areia adubada com o estrume ordinario. — Planta completa como a precedente.

Na segunda serie de experiencias a planta cultivada foi o milho. As plantas do milho seguiram exactamente a mesma escala de progresso que sucedeu nas plantas dos feijões, elevando-se comtudo cada uma d'ellas a maior altura.

N'esta segunda serie todas as plantas deitaram a bandeira, á excepção da que vegetou na areia pura, cujo crescimento apenas se elevou a 3,5 decimetros. E sómente duas crearam espiga, a saber, a do quinto vaso, que contém os mineraes uteis e azote; e a do sexto vaso que contém os mineraes uteis, azote e humus. — Ambos estes pés cresceram vigorosos até $1^m,3$; emquanto que o pé do quarto vaso, que só contém os mineraes uteis apenas se elevou a 8 decimetros, sem formar espiga.

Os excessivos calores que sobrevieram em todo o tempo que duraram estas experiencias, a pezar de combatidos por todas as maneiras, difficultavam bastante a vegetação, evitando que cada pé podesse chegar ao estado de desinvolvimento que lhe permittia a especie da sua alimentação. Entretanto como a influencia do calor foi geral em todas as plantas que serviram nas experiencias, póde-se aceitar a relação dos desinvolvimentos a que chegaram, como sendo proximamente egual á que mostrariam se houvessem vegetado em melhores condições.

O que claramente se póde concluir de ambas estas series de experiencias é: que o adubo completo, formado dos mineraes uteis, da materia azotada e do humus é o que cria melhor a planta. Quer dizer: que o adubo artificial para exhibir uma virtude fertilisadora egual á do estrume, ou mesmo superior, deve constar d'aquellas tres ordens de partes — *parte mineral, parte azotada e parte carbonada.*

A differença grande na vegetação que se nota entre a planta do quarto vaso — *só minerais*, e as plantas do quinto e sexto vasos, aquelle contendo *mineraes e azote*; este contendo *mineraes, azote e humus*, mostra que o adubo mineral só por si é insufficiente para substituir o estrume, posto que util e necessario complemento d'elle. A differença de altura e de aspecto nas plantas dos vasos quinto e sexto, este levando mais do que aquelle o *humus*, mostra que a substancia carbonada não é inteiramente inactiva nos estrumes, como pelas suas experiencias pretende o sr. *Ville*, o que melhor se prova ainda attentando para a vegetação do segundo vaso, *areia e humus*, em que as plantas medraram muito mais que na areia pura do primeiro vaso. N'esta parte as experiencias do nosso amigo *Lapa* dão razão á objecção apresentada pelo sr. *Barral* ás doutrinas do sr. *Ville*. O sr. *Barral*, como se sabe, concede ao *humus* grande parte na acção fertilisadora do estrume.

Comprehender-se-ha a razão porque o sr. *Ville* obteve vegetações eguaes na areia pura e na areia com humus, o que o levou a considerar o humus como inutil, reflectindo-se que o que elle empregou á conta de humus, não foi propriamente esta substancia, tal como existe nos estrumes communs, mas sim diversas materias carbonadas, taes como o assucar, o amido, os oleos, a cellulose, etc., que não são humus senão depois que entram em decomposição e começam a gerar os chamados *acidos negros*.

O sr. Lapa empregou o humus formado do pó da palha apodrecida. — Eis a razão talvez da differença nos resultados das experiencias.

Em conclusão, as experiencias do instituto confirmam o que em resultado da viva discussão sobre as doutrinas chimichas do sr. *Ville* se vae apurando por varios paizes. Isto é, que o adubo mineral com a materia azotada substitue o estrume.

Mas a substancia é inteiramente completa quando áquellas duas partes se ajunta o humus.

Os adubos artificiaes para serem perfeitos devem copiar a natureza e a fórma dos materiaes que compõe o estrume. — Tudo o mais são adubos complementares, destinados unicamente a reforçar algum dos elementos em que os estrumes ou as terras forem mais escassas, se estes elementos forem exigidos em dó-se avultada pelas culturas.

No novo anno, tenciona o distincto professor do instituto proseguir n'estas e n'outras experiencias de chimica agricola viva, de que muita luz pratica póde provir á agricultura; pena é que os subsidios de que dispõe não egualem a sua boa vontade.

— O artigo sobre nitreiras agricolas publicado no vol. 10.º do *Archivo Rural*, devido á penna do nosso collega e amigo *Lapa*, já produziu algum resultado.

Quatro experiencias, que nos constem, estão já em andamento.

A primeira emprehendida pelo sr. Estevão de Oliveira, em Alcochete.

A segunda pelo sr. J. C. Aulete, ao Grillo, proximo da capital.

A terceira pelo sr. Mello e Faro, na quinta de um seu amigo junto ás Amoreiras, dentro de Lisboa.

A quarta pelo sr. Venancio Dias de Figueiredo, em Eixo, junto a Aveiro.

A nitreira do sr. Estevão de Oliveira é formada de lôdos salgados — de sargaços — mattos, cal, algum estrume de curral e agua mãe das marinhas.

A nitreira do sr. Aulete é composta de guano de morcego transportado das galerias subterraneas de Marvão, adubo

muito rico em azote; de estrume de estabulo, de residuos das saboarias ricos em cal e soda, e de phosphorita e agua salgada.

A nitreira do sr. Mello e Faro é constituida com estrume de estabulo, terras marnosas e phosphorita, e agua salgada

Todas estão armadas segundo o mesmo plano. — Perfeita mistura dos materiaes, méda com chaminé ao centro — e com canaes de ventilação em roda, estabelecida de modo que os sumos despejam para um tanque ou poço.

A primeira rega foi feita com agua salgada; as outras com os sumos á medida que vão escorrendo para fóra.

Já foi o nosso collega ver a nitreira do sr. Aulete. Estava no primeiro periodo de curtimenta.

Referiu-nos que parecia um verdadeiro forno, o calor que transpirava da chaminé, a custo se podia tolerar na mão. Este calor, que revela a actividade chimica dos materiaes postos em contacto, affiança o melhor resultado não só da nitrificação, mas da solubilisação de outros elementos não menos preciosos para a nutrição das plantas como são: os phosphatos — os alcalis, a cal, etc.

As nitreiras agriolas convenientemente exploradas, são chamadas a exercer na nossa cultura notavel prosperidade.

Nós não temos gados porque não temos sufficiente humidade no ar.

Não se podendo mudar o temperamento do clima, é evidente que o unico recurso que nos resta em grande numero de casos é o emprego de todos os meios que a chimica agricola aconselha para arranjar adubos artificiaes.

O processo das nitreiras é de todos estes meios o mais barato e facil de pôr em pratica.

— Para se conhecer o deploravel estado da colheita de cereaes na Hespanha tanto do anno passado, como do presente, basta attender á noticia que vem no *Diario Popular*, de 14 do corrente, onde se diz: haver a Hespanha exportado n'este ultimo anno vinte e dois mil contos em moeda para compra de cereaes, contando exportar mais vinte e tres mil contos até á colheita que vem por ser a actual insufficiente.

Corre que por effeito da entrada de trigos portuguezes levados do Alemtejo, e pela chegada de importantes partidas de outros pontos do estrangeiro, desceu o preço elevado porque este cereal estava na Hespanha, e se conjurou por similhante facto o imminente risco de graves alvorotos que a fome, ou as apprehensões d'ella, justificavam, e de que a policia sediciosa certamente se aproveitaria.

— Consta-nos que o sr. J. Maria da Fonseca, cujo nome é bem conhecido pelos famosos vinhos muscateis de Setubal, que são de sua lavra, trata de empregar este anno, na sua vinificação o processo de *Mimard*, que vem descripto pelo nosso collega e amigo *Lapa* no IX volume do *Archivo*, e na segunda memoria dos processos da vinificação, ultimamente publicada pelo ministerio das obras publicas.

Por melhor conselho, substitue o sr. Fonseca a dorna *Perret* á dorna *Mimard*, aproveitando d'esta principalmente o apparelho de condensação, e d'aquella as grades ou diaphragmas que mantêem a balsa submersa por toda a altura da massa liquida do mosto contido na dorna. Esta combinação deve dar um excellente resultado, porque está mais em harmonia com os principios scientificos da boa vinificação.

E', por outra fórma, o pensamento do processo das «balsas dançantes» do nosso amigo A. A. de Aguiar. E a proposito vem noticiar que este cavalheiro dirigiu a execução do seu processo n'uma vinhateria dos arrabaldes de Lisboa pertencente ao sr. J. Pereira Caldas, em confrontação com o processo ordinario; e a vantagem d'aquelle processo foi reconhecida e até já confesada pelos que mais confiavam no processo ordinario. Observou-se ao envasilhar que o vinho das «balsas dançantes» dava melhor prova, tinha mais força e corpo, mais perfume e melhor côr.

Esperâmos que o sr. Aguiar publicará opportunamente os resultados dos ensaios do seu methodo de vinificação; e as columnas do *Archivo* estão á disposição do nosso amigo, para similhante publicação e para quaesquer outras que interessem á nossa industria agricola.

Muito se illustrará este jornal com a collaboração do distincto sabio.

Temos já a devida venia, para transcrever no *Archivo*, n'um dos proximos numeros a memoria em que vem tratado o processo de vinificação a que alludimos.

— No «Diario Popular», de 16 de julho d'este anno vem a seguinte noticia ácerca da cultura do Paul da Goucha, noticia que aqui transcrevemos mui gostosamente, por ser a propriedade a que ella se refere muito nossa conhecida.

Estando ha dias em Alpiarça ahi nos confirmaram a maravilhosa producção que se havia ateigado, que subiu até quatrocentos moios de trigo, além de muito feijão e aboboras, e de numerosas carradas de folhado e canoilos de milho, o que na crise actual das subsistencias forragmosas, é um grande recurso para a alimentação do armentio d'este logar.

Fazemos côro nos louvores, prestados ao sr. conde da Ribeira.

Eis a noticia:

«Não ha ainda muitos que o paul da quinta da Goucha, entre Alpiarça e Almeirim, era sobre um pantano infecto, uma brenha fechada de salgueiros negraes, sanguinhos, amieiros e caniços, que servia de fojo e couto a lobos, raposas e javalis.

Quando esta quinta veiu á posse do sr. conde da Ribeira, fizeram-se no paul alguns trabalhos de enxugo, abrindo guarda matos e vallas reaes afim de lhe facilitar a arrotêa e dispôr a terra á cultura do arroz.

Algumas boas cearas se produziram ali d'esta graminea, mas com ellas tambem uma grande colheita de sezões que affectava perigosamente a povoação de Alpiarça.

O sr. conde acabou com esta cultura, e para obter em pouco tempo o completo saneamento e a arrotêa do paul em conversão a culturas cerealiferas não miasmaticas, deu por dois annos as terras do paul a arrotear a fazendeiros e ceareiros de Alpiarça, sendo no primeiro anno todo o fructo d'ellas para esses fazendeiros e ceareiros, e no segundo 2/3 d'esses fructos.

Quem hoje visita o paul da Goucha, e o conheceu antigamente, admira-se de quasi o não encontrar; por que no seu logar está um dos campos mais ubertosos na circumscripção de Alpiarça. Deleita o vêr as famosas cearas de milho que ali se ostentam, cuja producção se ateiga n'uma média de 60 sementes, havendo algumas cearas que deitaram 70 a 80, contrastando assim com as infezadas cearas dos outros campos da localidade, a maioria dos quaes não dará este anno, mais do que a semente.

Calcula-se em uma producção de 350 moios de milho, que se póde tirar da colheita pendente do paul da Goucha, cujo terreno arroteado nesta cultura pouco mais medirá, se medir, 50 hectares.

Bem dizem o nome do sr. conde da Ribeira, aquelles pobres fazendeiros e toda a população de Alpiarça, para quem é um grande recurso o celeiro do pão do pobre em que s. ex.ª converteu, tão generosamente em favor d'elles, n'esta quadra que lhes corre desventurosa, as terras ingratas e infectas, que antes lhe apoquentavam a vida e a saude.

Sirva tão nobre acção de fidalgo, de exemplo a outros fidalgos, que possuem por todo esse Ribatejo não pequenos tractos de terreno, nas circumstancias em que estavam o paul da quinta da Goucha, incultos e pantanosos, a produzir a miseria e a desolação das povoações, quando deveram brotar d'elles, a riqueza e a vida.

Louvamos o sr. conde da Ribeira, pelo que praticou na sua quinta da Goucha, e quizeramos que em nossos dias os titulos de nobreza se aquilatassem por feitos d'esta ordem, que dão trabalho, saude e pão ao povo; e por isto riqueza e vida á nação».

S. B. Lima.

(Archivo Rural.)

Communicados

A NOSSA SITUAÇÃO

(Vem do numero 790.)

IV

Não se diga que exageramos quando descrevemos a nossa decadencia.

E' inegavel que vivemos n'um periodo procelloso e sombrio. «Um sopro destruidor, similhante ao furacão de tropicos, passa sobre o mundo civilisado, fazendo-o estremecer até aos seus fundamentos.» De qualquer lado que se lance a vista, observam-se as sociedades affectadas d'uma estranha doença, que as põe em perigo, e que produz dolorosa inquietação nos espiritos observadores e recolhidos.

O genio da destruição completa a sua obra terrivel já por uma acção lenta e pausada, já por uma violencia espantosa, juncando a terra de ruinas, e semeando por toda a parte os elementos d'uma lucta gigante, e d'um odio destruidor da sociedade e da familia Lançae os olhos sobre Portugal, e dizei-nos se lá se não observam tão tristes phenomenos.

Quem terá então desinvolvido tantas paixões más, e produzido todas estas aberrações do espirito humano entre nós? «E' a falta de moralidade publica e particular» diz um publicista. Um indefinivel instincto de cubiça, de dominio e de gozo mina a nossa sociedade, já abalada pelo espirito da licença e da revolta contra todos os principios e mais santas praticas.

Posto isto, vêde o que acontece.

O individuo, ou a facção, para satisfazer projectos ambiciosos de dominio e insaciaveis instinctos de gozo, trama contra a ordem publica, substitue-a pela anarchia, *supplanta* os poderes regularmente estabelecidos, sem mais respeito pela auctoridade; *derruba* uma situação bem estabelecida, creada para marchar á frente da sociedade; tripudia sobre os restos do poder que elle derrubou a seus pés, apossa-se do seu logar e locupleta-se dos seus ordenados, que são os despojos d'estes vencidos da politica. De modo que á vista d'este aviltamento da ideia de auctoridade, d'estes triumphos e machinações dos individuos ou das facções, podemos affirmar que a fórma social foi totalmente alterada; os esforços dos seus elementos constituitivos, dos seus membros, já não tendem para um fim unico e commum, mas cada individuo envida esforços em seu proveito; o grande nexo social, o primeiro e fundamental artigo da eterna lei que rege todas as sociedade, que foi, é, e ha de ser o principio de toda a associação, foi sepulto no pó do olvido.

A' força do direito substituin-se o direito da força, porque isso era mister para vencer e governar a capricho.

E não repitaes o que, impensadamente, dizem alguns espiritos de mui limitado alcance; não digaes, por Deus, que todos esses males são um effeito da politica.

Não, a politica é que soffre e geme aflicta. A verdadeira causa é a anarchia das intelligencias, as divisões que separam os homens, a confusão dos principios, e sobre tudo a ruina das bases da moral e do direito, que é a religião, a qual representa o dique que mais seguramente contem a torrente das paixões más; e o laço moral que reune em um só facho todas as energias da humanidade Ora é certo que quebrando este laço, se despedaçam todos os outros, e as diversas partes do todo social não obedecem mais senão aos caprichos d'aquelles que prepararam, em seu proveito, um espantoso cataclysmo.

Todas estas considerações appliquemos nós a este paiz; e da sua combinação tiramos a inevitavel consequencia que nos arrebata o fructo d'alguns seculos de esforços na estrada da verdade e do progresso, para consolidar a nossa autonomia e independencia.

Não é só a intuição philosophica que nol-o faz dizer, é sobre tudo a lição efficaz da historia.

Procuremos ahi por entre as ruinas d'alguns povos modernos as lapides dos seus nomes quasi apagados, e veremos que foram os seus paes, que foram os homens a quem cumpria zelar pela conservação d'esses povos, que preparam a ruina de uma geração, o abysmo de todo um povo.

Contemplae a heroica Polonia, que vos estende os braços arroxeados por entre os ferros do seu doloroso captiveiro.

«Foi ella que mereceu a sua sorte Foram os erros dos seus governos, a pessima administração, desordem da fazenda publica, os odios incarniçados, as rivalidades irrequietas, que causaram a perda d'aquelle povo.» Tambem entre nós lavram todos estes males, que na opinião de um acreditado publicista, perderam a Polonia.

Pois bem, hoje, em presença da invasão do mal e dos seus estragos e fataes influencias, que se estendem com espantosa rapidez, um grande e sagrado dever nos é imposto.

Quem tiver um coração recto, quem sentir ainda vibrar em si um instincto de justiça e patriotismo, deve erguer-se altivamente e oppor-se, com aquella energia que só dá uma convicção profunda nas horas do supremo risco.

Assim como no mar, quando tudo é lucta e desordem, quando a tempestade ruge negra e medonha, allumiada pelos lampejos do raio, quando a cerração se torna mais espessa e ameaçadora, quando os ventos se desencadeiam em rajadas destruidoras, e a nau rangendo por todos os flancos, vae sossobrar, talvez, sob o embate das vagas furiosas, todos a pé!... todos á obra!...

Esqueçamos odios, vinganças mesquinhas, represalias indignas; unamos todas as vontades e coragens, e seremos fortes e invenciveis.

Fautores da nossa ruina, revolucionarios, elementos de mal, fazei treguas um momento, não arrasteis mais a sociedade para o abysmo, não prosigaes na estrada das vossas imposturas e furores, que teem obstado á expansão da publica felicidade; nada se edifica pela desordem e pelo odio; apagae as paixões que tendes atiçado, respeitae a moral, respeitae a egreja, a religião e os seus ministros, elementos de civilisação; não vos lanceis entre elles e o bem que elles querem fazer á sociedade; não estorveis a sua acção moralisadora e progressista; deixae-os cumprir a sua missão sublime, deixae-os curar as chagas que vós tendes aberto.

Maus, deixae os bons; desordeiros, não inquietais os homens pacificos, rectos e justiceiros; deixae-os cumprir, desaffrontados, o seu papel de governadores da sociedade, e obedecei-lhes nos limites das leis; sêde JUSTOS e iremos bem; a sociedade respirará, e a nossa regeneração será completa!

Albino Coelho.

Exterior

Escrevem de Pariz:

«O telegrapho funcciona com prodigiosa actividade entre Biarritz e esta capital. Os cinco ministros que se encontram na capital do imperio reunem-se frequentes vezes.

Tudo induz a crer que o imperador e seus ministros tratam actualmente questões graves e de alta importancia politica.

O ministro do reino, que estava para se ausentar por alguns dias de Pariz, foi obrigado a suspender a partida por ser de absoluta necessidade a sua presença na capital do imperio.

No ministerio do sr. Picard nota-se grande movimento. As communicações succedem-se com os prefeitos dos departamentos do Meio-dia.»

— As seguintes linhas são attribuidas a Bismark, n'uma das ultimas conferencias que teve com o rei Guilherme da Prussia:

«Qualquer que tenha sido o meu desejo de não fazer a guerra á França, neste momento acho-a inevitavel e proxima. E' preciso não esquecer meio algum para assegurar a victoria das nossas armas. Por pesados que sejam os sacrificios que se imponham ás povoações da confederação e causa de que se trata exige um supremo esforço para o triumpho da unidade allemã que deve ser a obra para que todos devem sem descanço trabalhar.

Eis aqui em minha opinião a linguagem que V. M. deverá empregar perante o paiz, que deve regenerar.»

— A imprensa ingleza mostra-se receiosa de uma guerra geral, e diz que o governo da rainha Victoria se prepara para as eventualidades.

Os trabalhos eleitoraes proseguem com extraordinaria actividade e animação, esperando-se que na luta succumba o partido governamental.

Variedades

NEW-YORK

Não é possivel fixar a attenção no movimento do progresso dos Estados Unidos sem se sentir fascinado por esses esforços collossaes que sobrepujam quanto póde conceber a nossa imaginação amesquinhada pelo espectaculo que nos rodeia; em qualquer das manifestações do seu poder collossal a republica anglo-americana nos arrebata e nos seduz; porém onde verdadeiramente a actividade e o arrojo de concepção são admiraveis é no desenvolvimento de suas cidades, bastando poucos annos para converter um bosque virgem n'um magnifico centro de reunião de actividade e de trabalho. Tomemos alguns algarismos de um curioso trabalho publicado pela *Revista britannica*, e ver-se-ha se exagerâmos.

New-York não produz cousa alguma em materia de substancias. Talvez que provenha d'esta origem haver n'uma povoação de 726:386 habitantes, 423:121 solteiros. Até a agua lhe vae de muito longe, de 40 milhas; e uma cidade que consome diariamente 2.000:000 hectolitros de agua, tem despendido para lh'os proporcionar 600.000:000 reales. No condado de New-York e nos trez limitrophes ha sete mil despachos de bebidas, em que se comprehendem todas as conhecidas no mundo. E' incalculavel o que d'esta proveniencia se consome, havendo em alguns annos excedido a 140.000:000 reales, sem contar 1.800.000:000 empregados em chá, café e tabaco.

O gelo é um luxo muito generalisado: ha oito companhias, que o exploram muito á sua vontade, armazenando em alguns annos até 500:000 toneladas de neve gelo. O preço regula a 2 1/2 centimos por libra.

New-York tem de ir buscar longe os viveres de toda a qualidade: ordinariamente o consumo annual é de 4.000:000 barris de farinha, e 9.000:000 medidas de trigo. O algarismo das carnes é enorme, e só em artigos de luxo se emprega o valor de 1.100 000:000 reales.

Não poderia transportar-se tudo isto sem a grande facilidade de communicações; porém ha 50:000 kilometros de caminhos de ferro incessantemente percorridos pelas locomotivas. Nos seus portos é analogo o movimento de entrada e saída. As ilhas Bermudes enviam batatas; Cuba, laranja e tabaco; Smirna, figos; a Turquia, ameixas; a Terra Nova, pescados. O grande canal Erie não se vê livre do peso das esquadrilhas, e as espaçosas margens de Hudson apenas bastam para as inumeraveis embarcações que transportam seus productos á cidade.

São muito maus os mercados em New-York; porém como o seu proprietario aufere por elles uma renda de uns 10:000 duros, por cousa alguma do mundo lhes quer tocar.

A principal occupação no campo é o trabalho da terra; nas cidades contam-se mais de 1:100 profissões honestas, porque a estatistica marca um algarismo de 1:500 ladrões que vivem da pilhagem. Cita-se um d'estes, que deixou uma fortuna de 300:000 francos.

Os negociantes constituem a corporação mais importante da cidade, e não é para estranhar, quando houve duas casas de modas que em 1865 venderam entre ambas 700.000:000 francos de mercadorias. O algarismo mais eloquente é o dos registos do porto: no anno de 1866 manifestou-se a importação de 2 697:325 toneladas de mercadorias, e a exportação de 2.508:885 toneladas.

Os setenta e um bancos da cidade representam um capital de 425.000:000 francos. O movimento diario de Clearing-house, que desconta e liquida letras, é de 500.000:000 francos.

Porém New-York tem tambem grande movimento industrial: em 1860 contava 4:375 fabricas com o capital de 300 000:000 francos, trabalho para 90:000 operarios, e 800 000:000 de productos.

Todavia os grandes mananciaes de riqueza não são tantos como se julgam: de toda a população 18:000 individuos pagaram o imposto sobre uma renda maior de 25:000 francos; 5 tão sómente appareciam com uma renda superior a francos 2.500:000; e houve apenas 1, que pagou em proporção a uma renda de 8.200:000 francos.

A fortuna da grande maioria dos habitantes de New-York não excede a 1:000 duros de renda; não é portanto para admirar que vivam amontoados e em habitações mal sadias.

A propriedade territorial de New-York produz uma renda de 213.000:000 francos, sendo o seu valor de francos 3.045.000:000, algarismo prodigioso, considerando que occupa um espaço de 2 1/2 kilometros de largura sobre 23 de comprimento, e que foi comprado aos indios ha dois seculos por 120 francos. O imposto é pesado, sobe quanto á parte territorial a 255 000:000 francos. E' preciso observar que a administração não se distingue pela moralidade.

Em policia e beneficencia gastam-se annualmente uns 20.000:000 francos. As profissões liberaes estão sufficientemente remuneradas: ha advogados que ganham 100:000 a 250:000 francos, mas são poucos, e a generalidade contenta-se com um termo medio de 5:000 a 15:000 francos.

As egrejas e capellas são 353, concorridas por 225:000 fieis; as escolas 268 206:000 alumnos; e o despendio de 12.000:000 francos. A educação é completa, e póde aperfeiçoar-se em grande numero de bibliothecas publicas e particulares. O gasto para distracções e recreio é de 35.000:000 francos por anno: o parque central é magnifico, e não custou menos de 50.000:000.

Ali, como em todas as partes, ha uma sociedade ociosa, que só pensa em gastar dinheiro; o seu ponto de reunião é entre a quarta e a sexta avenida. Em compensação accommodam-se amontoadas em Cherry as familias em terrenos repassados de humidade. A occupação quasi geral é a industria; e como a miseria está disfarçada, o espectaculo que offerece New-York fascina e deslumbra o viajante.

(La Epoca.)

Noticiario

Novas. — Lê-se no *Diario de Noticias*:

— S. M. a Rainha a senhora D. Maria Pia esteve domingo á tarde por muito tempo nos jardins do paço de Belem passeando com El-Rei e os senhores infantes seus filhos. A augusta princeza era objecto da attenção de toda a gente, que a olhava com affabilidade. A Rainha está bastante abatida pelo seu pertinaz e doloroso padecer, mas ha dias parece sentir-se muito mais animada, e a doença tem decrescido. Todos fazem votos pelas suas melhoras, e El Rei e a côrte cercam-a de cuidados e affectos.

— Foi no sabbado á meia noite a experiencia de um apparelho salva vidas com a ajuda do qual se facilita em occasião de sinistro facil descida.

Coroou ella de bom exito este invento de que é auctor o solicito inspector geral dos incendios, o sr. Carlos José Barreiros. O primeiro patrão da bomba n.º 10, Joaquim Antonio da Soledade, foi quem o experimentou descendo por elle da casa do sr. inspector.

O aparelho compõe-se de duas peças forradas de couro, ligadas uma á outra e de forma circular, por onde passa a corda, que é presa na janella ou logar donde ha vidas a salvar.

O sr. Barreiros busca aperfeiçoar este seu invento com o fim de tornar mais commodo o seu uso.

Entretanto o que acaba de conseguir-se já apresenta grandes vantagens, pela facilidade que offerece na descida e pela facil conducção do aparelho, que um só homem póde trazer debaixo do braço.

E' um bom serviço feito á humanidade e nunca são poucos os que se lhes prestam, em lances tão afflictivos, como o são esses em que o sinistro do fogo põe em risco algumas vidas.

— A empresa do caminho de ferro do norte projecta estabelecer no palacio de crystal a estação que devia ser construida no Campo do Cyrne, despresando para isso a continuação da linha, feita segundo o primitivo plano e adoptando outro.

— Continuam as sondagens no rio Douro para o lançamento da ponte que ali se projecta levantar.

— Ha dez dias que chove em Braga consecutivamente.

— Diz o «Times» que parecem aproximar-se uma da outra as nuvens negras que pairam sobre a França e a Prussia.

— Foram 96 os estudantes a quem se conferiu ordens nas passadas temporas

de S. Matheus em Braga, sendo 12 minoristas, 25 sub-diaconos, 29 diaconos e 30 presbyteros.

— Rendimento da alfandega municipal de Lisboa até 28 de setembro réis 78:691$060.

Passagem.—Passou hontem novamente por esta cidade, de volta da Costa Nova, e em direcção a Lisboa, o sr. conselheiro José Dias Ferreira, ex-ministro da fazenda, e deputado por este circulo.

S. ex.ª foi jantar a casa do sr. Sebastião de Carvalho e Lima, presidente da camara, á porta do qual tocou a philarmonica = Amisade = , a convite d'uma commissão d'artistas presidida pelo sr. Antonio Maria Carneiro, subindo ao ar muitas girandolas de foguetes, tanto á chegada de s. ex.ª como em quanto durou o jantar.

Depois do jantar foi s. ex.ª acompanhado por muitas pessoas, e pela philarmonica até á estação do caminho de ferro, d'onde seguiu no comboyo do correio.

Barra.—Não tem podido sahir do porto d'esta cidade por causa do mau tempo e do mar embravecido, as embarcações que se acham carregadas de sal.

S. Geraldo.—No logar da Preza Pequena festejar-se-ha no domingo proximo, aquelle Santo, á custa d'alguns mordomos e devotos.

Roubo. — Na noute de 29 para 30 do mez proximo passado, foi roubada a casa do sr. Luiz Casimiro Feio, alfaiate, que se achava abanhos na Costa do Prado. Os larapios levaram-lhe algumas roupas e tres letras de cambio no valor aproximado de 400$000 rs. Ignora-se ainda quem fossem os auctores do roubo, mas a auctoridade administrativa continua nas suas indagações, afim de os descobrir.

Demonstração.—As companhas da Costa Nova do Prado, seguidas d'uma banda de musica, no dia 28 do proximo preterito mez, comprimentaram o ex-ministro da fazenda e deputado por este circulo, o sr. conselheiro José Dias Ferreira, que tinha com sua esposa e filhos ido ali visitar sua familia, que está em uso de banhos.

Por espaço de trez horas tocou a musica á porta do deputado por Aveiro, fazendo as companhas, por essa occasião, estourar cerca de mil e duzentos foguetes.

Aulas. — Abriram-se as do lyceu d'esta cidade.

Banhos do mar. — Tem sido pouco concorrida este anno a Costa do Prado por banhistas. Algumas familias já regressaram aos seus penates.

Cheia. — Ante-hontem a um kilometro, pouco mais ou menos, áquem de Espinho, teve de parar o comboyo ascendente de mercadorias em consequencia da muita agua pluvial que se ajuntou n'aquelle sitio, a qual cobriu a via ferrea e, levando a arêa em que esta estava assente, deixou as travessas suspensas aos rails no ar. Foi tudo logo remediado pelos trabalhadores da linha, e o comboyo poucos minutos se demorou.

Tambem além de Espinho — entre este e a Granja, o mar com as ultimas marés vivas tem escavado tanto, que n'um ponto d'ali faltam-lhe 4 metros para chegar á vedação do caminho de ferro. Se continuar teremos em breve o caminho de ferro sob o mar.

Prescindiram do machinismo.—Na quinta-feira 24 do corrente, vinham engatados ao comboyo mixto descendente uma carruagem (que conduzia uma força de caçadores 9 que vinha fazer exercicio na escola de tiro entre Espinho e Esmoriz) e dois wagons para mercadorias, que deviam ficar em Espinho.

N'aquelle dia fazia um vento sul desabrido; e chegado que foi ali o dito comboyo, trataram logo de desengatar da cauda d'este os referidos tres vehiculos; mas qual não foi o espanto de quantas pessoas ali estavam e vinham no mesmo comboyo quando viram que estes vehiculos, apenas desengatados, marchavam com uma velocidade incrivel, impellidos pelo vento, com direcção á estação da Granja, onde foram parar?!

O mais interessante foi que os soldados, logo que viram que a carruagem voltava para o norte, saltavam para fóra d'ella, uns por cima d'outros, sem se magoarem!

Disseram depois que, se soubessem que os 3 vehiculos só iam até á Granja se deixariam ir; porém que saltavam (com risco) imaginando que o vento sul os levaria ao Porto.

Representação. — Consta-nos que a instancias de um capataz d'uma brigada de conservação do caminho de ferro, alguns individuos das Quintãs e Quinta do Picado se prestaram a assignar uma *representação*, dirigida ao sr Lobo de Avila chefe de secção, na qual pediam a s. s.ª a demissão ou, em ultimo caso, a transferencia da guarda da passagem das Quintãs, alegando que *ella lhes furta alguns fructos, quando pendentes, nas suas propriedades* (que poucos ou nenhuns ali possuem proximo do caminho de ferro.)

Estando informados de que essa representação é um aleive, e uma vingança do capataz, que, não tendo de que se queixar nas suas partes diarias dos serviços que a mesma guarda presta á companhia, se serve de um *compadre* e de um *amigo* seus, com quem convive, para lhe arranjaram um = abaixo assignado =; pedimos ao sr. Lobo d'Avila, que se informe primeiro do que tudo, do que ha de verdade n'essa *representação*, para depois fazer *justiça* a quem a merecer, a qual, crêmos, pesará no cavilloso denunciante, e que conservará a dita guarda Roza de Almeida no seu dito logar ganhando alguma coisa para ajuda da sua subsistencia, de seu marido e filhos. * * *

Caminho de ferro do Minho. — Devem concluir-se brevemente os estudos do projecto definitivo do caminho de ferro ao norte do Douro.

O traçado, diz o *Viannense*, desde o ponto de entroncamento do ramal de Braga, em Nine, corta as freguezias de S. Miguel de Fonte-Coberta, Monre, e S. Eugenia: atravessa o Cavado a 2 k. a montante de Barcellos, e entra na freguezia de S. Verissimo, S. Maria de Gallegos, Roriz, Alheira, atravessando ahi a portella do mesmo nome: desce depois a Anhel, atravessa as freguezias de S. Julião de Freixo, Friestellas, Cabaços, Victorino dos Pães, atravessando a Portella da Facha com um corte grande: desce depois pela freguezia da Facha, atravessando a de Victorino das Donas, S. Maria, S. Leocadia, Leião: atravessa depois o Lima a 10 k. a montante da Foz: segue atravessando as freguezias de S. Salvador, Cardiellos, Serreleis, S. Martha, Meadella: atravessa a estrada de Ponte perto da capella de S. Vicente, no extremo da rua da Bandeira, entra depois nos campos, cortando o Cemiterio no canto N., — atravessa a cerca das freiras de Sant'Anna, a dos Cruzios, (hoje pertencente a infanteria n.º 3), e depois de atravessar a cerca das Ursulinas, pára na Areoza.

A extensão do traçado, do Porto até o entroncamento em Nine, é de 40 kilometros, e de Nine até a Areoza de 53 kilometros, sendo a extensão total, entre o Porto e Vianna, 93 kilometros.

Parece que se ensaia um reconhecimento pela Portella do Tamel e Mazarefes, por onde, internando-se menos o traçado, se incurtará sensivelmente a extensão.

Feira de Vizeu. — O «Viriato», com relação a esta feira, diz o seguinte:

«Está quasi acabada a feira.

A chuva torrencial que veiu nos primeiros dias e nas vesperas afastou muito a concorrencia.

Nos dois dias ultimos, hontem e antehontem, ainda se fizeram bastantes transacções.

O gado foi vendido por preços mais altos do que no anno passado, especialmente o vaccum.

Houve grande procura para exportação pelo Porto para Inglaterra, o que fez elevar muito o preço.

De gado cavallar houve este anno muitas mais transacções que no anno passado.

O que teve sahida nenhuma foram os potros hespanhoes. Apenas até hontem se tinha effectuado uma compra.

Póde attribuir-se esta escacez de commercio n'este genero, não só á falta de dinheiro, senão ainda á careza dos potros e á sua má qualidade.

Poucos appareceram bois.

Em tudo o mais o commercio esteve frouxo.»

Pedem-nos a publicação do seguinte:

Ao sr. director geral dos telegraphos do reino

Sr. redactor.

Não ignorará v. s.ª que d'entro em poucos mezes a estação telegraphica d'esta cidade tem sido commandada por quatro chefes; e tambem não é estranho a v. s.ª e a todos os nossos concidadãos que d'estes — principiando pelo sr. Agrebon — o que mais fiel e rigorosamente cumpriu com os seus deveres como empregado publico foi o sr. Felix de Mira Neves; portando-se, além d'isso, como particular, d'uma maneira exemplarissima. Tambem aos seus superiores não é desconhecido o procedimento modêlo do sr. Mira Neves, que sahiu d'esta cidade por pedir a sua transferencia para Coimbra, onde tinha estado, e queria continuar a estar por conveniencia propria; bem como não desconhecem as causas que deram logar a serem propostas pelo respectivo chefe de secção as transferencias, e passagens á disponibilidade, de seus collegas dois antecessores e um successor: sendo este ha poucos dias substituido interinamente por um senhor, cujo nome ignoramos por que não temos a honra de conhecer.

O sr. director geral dos telegraphos faz uma grande justiça e bom serviço a esta cidade se ordenar que o sr. Mira Neves venha para aqui como chefe effectivo d'esta estação telegraphica. E v. sr. redactor, não menos mau serviço fará á mesma se permittir no seu mui acreditado jornal a inserção d'estas linhas, pelo que lhe ficará muito obrigado, desde já o

Aveiro, 1 de outubro de 1868. Seu constante

Assignante.

Correio de Lisboa

Outubro, 1

A revolução de Hespanha tem chegado ao ponto culminante,—para isso basta dizer que a rainha já não pisa territorio dos seus dominios.

Não obstante, a repressão do governo de Madrid quanto á transmissão das noticias, o principal consta por cartas particulares, communicações verbaes, e alguns despachos mesmos officiaes.

A revolução tem-se defendido successivamente. D'entro de poucos dias toda a Hespanha tem adherido ao movimento.

Muitas familias tem já emigrado para França e Portugal, e entre estas as auctoridades de Badajoz, onde ha pouco se fez ouvir o grito revolucionario. Estas auctoridades são = o governador civil, o alcaide corregedor, o inspector de vigilancia, o official do governo. Ficou lá apenas a auctoridade militar ou para reprimir o pronunciamento, se podesse, ou para se pôr á testa d'elle, como dizem outros.

Madrid tambem já se sublevou. Esta noticia é official. Sublevou-se no dia 29 no meio do maior enthusiasmo, sem derramamento de sangue, fraternisando o povo com a tropa. Olano foi nomeado presidente da junta governativa de Madrid,—o marquez del Duero ficou addido a esta junta para manter a ordem,—Jovelano governador civil—Nobrado capitão general; e Roz d'Olano governador militar.

A'cerca do combate travado entre as tropas do marechal Serrano e Novaliches sempre cá chegaram as noticias. As tropas d'este foram repellidas pelas d'aquelle duas vezes no ataque d'uma ponte. Serrano marcha victorioso sobre Madrid.

Póde pois dizer-se terminando o primeiro acto do drama d'esta revolução. Os restantes não demandam de menos coragem, prudencia e abnegação.

Como é sabido o ministro hespanhol na nossa côrte reclamou contra a publicação da =Sentença da rainha Izabel II= feita pela *Revolução*, *Novidades*, *Jornal do Commercio*, *Opinião Popular* e *Nação*.

Estes jornaes commentam esta reclamação, e provocam o seu julgamento nos tribunaes. Parece que aquelle diplomata se arrependera da reclamação que fizera, e tanto que já a retirára.

Até aqui o que se passa no reino visinho; — do que vae pelo nosso só mencionaremos uma noticia ácerca da reforma do ministerio das obras publicas; por ser de mais importancia.

«Parece fóra de duvida que os ministros se occupam da reforma do ministerio das obras publicas, e falla-se em uma economia superior a 1:000 contos em resultado da nova organisação dos serviços nas repartições dependentes d'aquelle ministerio.

Suppõe-se que effetivamente os engenheiros militares passarão para o exercito e que os engenheiros civis serão enviados para os diversos districtos do reino para dirigirem as obras das estradas districtaes e municipaes. Tambem se diz que os ordenados serão de 600$000, 400$000 e 300$000 réis, e as ajudas de custo de 1$000, 800 e 500 réis por dia, segundo a cathegoria dos empregados.

Acrescenta-se que acaba o conselho das obras publicas, sendo substituido por uma junta consultiva composta de 3 membros.

A suprema fiscalisação fica a cargo do governo, o qual requisitará os engenheiros militares quando carecer d'elles para as obras publicas.» * *

Noticias de Hespanha

Lisboa 1 de outubro ás 2 h. e 21 m. da noute

Já é official a noticia da sublevação em Madrid.

«Madrid 30 ás 4 horas — Hontem pronunciou-se Madrid no meio do maior enthusiasmo e sem derramamento de sangue, fraternisando as tropas com o povo. O movimento continúa nas provincias.

Nobrado foi nomeado capitão general de Madrid; o general Roz de Olano, governador militar; e Jovellanos, governador civil.

Sabe-se que Roz de Olano é o presidente da junta governativa. O marquez del Duero ficou addido á junta a fim de manter a ordem.

As tropas da rainha foram repellidas pelas do marechal Serrano. Por duas vezes atacaram uma ponte e foram sempre expulsas, ficando Novaliches muito ferido.

O povo de Madrid está armado.

O general Prim desembarcou em Reus.

O duque de Tetuan que fôra mandado pelas auctoridades de Badajoz internar em Portugal, pôde escapar-se para ali, collocando-se á testa do movimento.»

Madrid 1 de outubro ás 2 horas da noite

A alegria excede todos os limites. Vê-se pelas ruas gente abraçando-se e chorando. O marquez de Salamanca adhe-rio á revolução e é victoriado. Sabe-se que Prim exhortou as tropas a que não perseguissem nem maltratassem os seus adversarios politicos. A cidade está illuminada e hoje repete-se a festa.

Nas ruas não se ouvem senão vivas a Topete, Prim, Serrano e duque de Montpensier. As feridas de Novaliches não são graves. As suas tropas revoltaram-se ou debandaram. Tuy e Vigo revoltaram-se. Chegaram tropas de toda a parte. Ha tranquillidade. Gonzales Bravo está doente em França e a rainha tambem.

Madrid 30 ao meio-dia

Depois da derrota de Novaliches em Alcolea, Madrid sublevou-se hontem ao grito de: abaixo os Bourbons! viva a soberania nacional!

Todos os emblemas reaes foram derrubados e abatidos. Grande enthusiasmo e muita ordem. As tropas fraternizaram com o povo.

Izabel de Bourbon partiu para França.

Diz-se que os generaes Manuel Concha e Zapatero estão presos.

Novas sublevações em todo o reino.

Barra de Aveiro

Desde 29 de setembro, até 1 d'outubro não entrou nem sahiu embarcação alguma.

Publicações Litterarias

A CRUZ

Semanario Religioso

Expressamente creado para a publicação de todos os decretos do episcopado.

Preco por anno ou 52 n.os 1$800

Assigna-se em Aveiro na livraria de João da Silva Mello Guimarães e no Porto na de Viuva Moré.

Jornal Commercial

Proprietario e redactor — *Paulo da Gama.*

Preços: em Lisboa, anno 4$000 rs. — semestre 2$000 rs. — trimestre 1$000 rs. — mez 340 rs. — avulso 20 rs. — Para as provincias accresce o importe das estampilhas.

Assigna-se e vende-se no escriptorio da redacção R. de Valle de Pereiro n.º 2, na praça de D. Pedro n.º 75, e nas principaes livrarias de Lisboa.

RACHEL E DANIEL

OU

O ENXOTA-CÃES

VULGO

O SACRISTÃO DE PENAMACOR

Parodia ou imitação em 3 actos e 4 quadros ao mysterio

SANTO ANTONIO

Editores: — A. Joaquim Duarte Junior e Manuel Pinto Alves.

Publicar-se-ha opportunamente esta obra comico-dramatica

ASSIGNATURA

Para o Porto.....	240 réis
Para as provincias.....	300 réis

N. B. Recebem-se assignaturas na typographia d'este jornal.

Comedias Modernas

(Em um acto)

Os «Amores d'um Marinheiro» 100 rs.—«Quem não quer ser lobo não lhe veste a pelle» 160 rs.—«Por causa d'um clarinete» 120 rs.—«Furto abençoado» 120 rs.—«Nem um nem outro» 100 rs.—«Como se domam as féras» 100 rs.

São remettidas para as provincias a quem enviar o seu importe em estampilhas ou sellos á livraria de J. J. Bordalo rua Augusta n.º 24 e 26. (O porte é franco).

Além d'estas comedias ha outras muitas, dramas, e bonitas scenas comicas, cujo catalogo com seus titulos e preços se dá gratis a quem comprar qualquer comedia, ou é remettido para as provincias a quem enviar um sello de 20 réis em carta fechada á loja acima mencionada. Além d'este catalogo ha outros de differentes livros scientificos, de missa, e Semana Santa, de romances, poesias, albuns, retractos para os mesmos, carteiras de lembranças, etc.

Annuncios

Pelo cartorio do escrivão Nogueira, em execução da fazenda nacional contra José Rodrigues de Figueiredo, ausente, da villa d'Eixo, se ha de a arrematar no dia 25 do corrente um terrado de casas, pateo sito na rua da Balça, d'Eixo, parte do norte e poente com Sebastiana Dias de Figueiredo viuva, do sul com Thiago Rodrigues de Figueredo avaliado em 30$000 réis. (287)

Vendem-se casaes de mós para moinhos. Quem quizer compral-as falle na typographia d'este jornal.

TINTA NOVA DE ESCREVER

do chimico E. MATHIEU-PLESSY

Premiado com cinco medalhas e com a condecoração e a legião de honra, nas expoições de Bordeaux, Londres e Pariz.

Esta tinta tem as seguintes e principaes qualidades:

Torna-se preta immediatamente: não deixa deposito no tinteiro; não se altera nunca; secca rapidamente; não cria bolor; e não enferruja nem estraga as pennas.

São estas as excellentes qualidades da TINTA NOVA, que tem sido muito elogiada em muitas folhas periodicas estrangeiras, e por muitas pessoas que a têem experimentado. As distincções que foram conferidas a mr. Mathieu-Plessy mostram evidentemente o quanto de apreciavel é esta tinta, e por isso desnecessario achamos inculcal-a. O seu preço é modico.

Unico deposito em Portugal, para vender por atacado, Barboas & C.ª, em Coimbra.

BARATISSIMO!

1:000 phosphoros de cera

POR 100 réis

Na antiga loja de A. Pinheiro e C.º, debaixo dos Arcos.

No mesmo estabelecimento se encontra um variado sortimento de fazendas de lã, brancas, cazemiras, chales, quinquelherias, perfumarias, e bem como; papel de diversas qualidades para forrar salas de 70 réis para cima por cada peça.

PILULAS E UNGUENTO HOLLOWAY

PILULAS DE HOLLOWAY

Este remedio é universalmente reconhecido como o mais efficaz que se conhece no mundo. Não ha senão uma causa universal de todas as doenças, isto é impureza do sangue, que é a fonte da vida. Esta impureza depressa as rectifica com o uso das Pilulas de Holloway, as quaes, obrando como depuradores do estomago e intestinos, por meio das suas propriedades balsamicas, purificado o sangue, dão tom e energia nervosculos, e enrijam todo o systema.

Ellas excedem qualquer outro remedio em regular a digestão. Operam da maneira a mais sadia e effectiva sobre o figado e rins, regulam as secreções, fortificam o systema nervoso, e enrijam todo o corpo humano. Mesmo aquellas pessoas da mais delicada constituição podem, sem receio, experimentar os seus effeitos salutares e corroborantes regulando as dóses conforme ás instrucções que se encontram nos livrinhos impressos em que cada caixa está enrolada.

UNGUENTO DE HOLLOWAY

A sciencia da medicina não produziu, até hoje, remedio algum que possa ser comparado a este maravilhoso Unguento, que se assimelha tanto ao sangue que, na verdade, fórma parte d'elle, e, circulando com aquelle fluido vital, expelle toda a materia impura, e limpa todas as partes affectadas, e cura qualquer sorte de chagas e ulceras.

Este bem conhecido Unguento é infallivel na cura da Escrofula, Cancros, Tumores, Pernas chaguentas, Rigidez das Articulações, Rheumatismo, Gota, Nevralgia, Tic-doloroso, e Paralysia.

Amplas instrucções na lingua Portugueza vão juntas á capa, pote e caixa

Acham-se á venda, em caixas e potes, nas principaes boticas de todo o mundo, e na loja do Proprietario, o professor Holloway, n.º 244, Strand, Londres.

A' venda na casa da sr.ª Viuva Barreto — rua do Loreto — n.os 28 a 30 — Lisboa

Responsavel—M. A. L. DE MESQUITA.—*Typ. do* «**Districto de Aveiro.**